

Cegos ficam sem ensino

CEDOC/ANDRESSA ANIHOLETE

A pesar de considerar que o sistema braille já está universalizado no país, Regina Caldeira, da Comissão Brasileira do Braille e da Comissão Latino-Americana para Difusão do Braille, alerta que a aceitação obrigatória de crianças cegas nas escolas não é suficiente. Para ela, é preciso que o deficiente visual seja tratado dentro das mesmas condições que o aluno que enxerga com livros transcritos, equipamentos adaptados e professores devidamente orientados.

Regina Caldeira lembrou o bicentenário de aniversário de Louis Braille, criador do sistema. Quase 200 anos após o surgimento do braille, ela avaliou que o mercado brasileiro de publicações parece não estar preparado para atender a demanda de livros transcritos.

O caminho a ser percorrido pelas editoras, segundo Regina, é longo. Ela mesma considera a transcrição de livros para o braille uma tarefa difícil além dos caracteres, é preciso trabalhar todas as vantagens disponíveis na leitura e na escrita visual, que incluem ilustrações, gráficos, mapas e simbologias.

É um pouco mais demorado que a produção de livros comuns. Isso faz com que nem

sempre a criança cega que está na escola tenha o livro a tempo como as crianças que enxergam. Se não houver tudo isso, de nada adianta ela estar na escola, afirmou.

Questionada sobre as tecnologias disposição do sistema braille, ela avaliou que o avanço tecnológico existe, apesar de não chegar a todos. Atualmente, os livros são produzidos por meio de impressoras automatizadas capazes de reduzir o tempo gasto na produção da publicação.

Em relação a facilidades como a utilização de programas de computadores desenvolvidos para pessoas cegas, Regina destacou que os instrumentos servem apenas para auxiliar ou complementar a educação, mas que não devem substituir os livros transcritos da mesma forma como não o fazem no caso de pessoas que enxergam.

Ao utilizar o computador, a pessoa cega vai simplesmente ouvir e, portanto, o braille continua sendo indispensável. Ele permite esse contato com a escrita e com a leitura, que contribui para a formação intelectual de qualquer ser humano, disse.

Regina, como deficiente visual, atesta que o aprendizado do braille não é difícil e que, até



■ DEFICIENTES EM ESCOLA: A MATRÍCULA E A FREQUÊNCIA NÃO BASTAM PARA ASSEGURAR O APRENDIZADO

1825, quando Louis Braille apresentou a primeira versão do sistema, várias outras tentativas já haviam sido feitas. Por meio do braille, a pessoa cega consegue reconhecer o caractere tocando-o apenas uma vez baseada na combinação de seis pontos que permitem a com-

posição de todas as letras do alfabeto, de números, de sinais de pontuação e de acentuação gráfica. Passados mais de 180 anos, o braille continua atendendo plenamente as necessidades de escrita e leitura das pessoas cegas, afirmou

Desde o dia 4 de janeiro

deste ano aniversário de nascimento de Louis Braille está sendo vendido nas agências dos Correios um selo comemorativo do bicentenário do criador do sistema. No Senado, um projeto que prevê a criação do Dia Nacional do Braille, a ser comemorado em 8 de abril.